

*egs*

# Aparelho Psíquico - ID

Elizandra Souza

*Elizandra Souza*

Psicanálise

- Freud empregou a palavra “aparelho” para definir uma organização psíquica dividida em sistemas, ou instâncias psíquicas, com funções específicas, que estão interligadas entre si, ocupando certo lugar na mente;
- o modelo tópico designa um “modelo de lugares”; Freud formulou primeiramente a primeira tópica, conhecida como Teoria Topográfica, e posteriormente apresentou a segunda tópica, conhecida como Teoria Estrutural ou Dinâmica;

- O aparelho psíquico funciona pelo princípio de nirvana – tentativa de eliminar qualquer tensão.

- Ics – princípio de prazer

- Pc/ Cs – princípio de realidade

- 

- 

- 

- 

- 

- 

- 

**Traço mnêmico**

tensão

**Pulsão**

**Prazer/  
descarga**

*egés*

**ID**

*lizandra Souza*

Psicanálise

- O id foi concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente, constituindo o polo psicobiológico da personalidade;
- É considerado a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética, voltados para a preservação e propagação da vida;
- Contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, acima de tudo os elementos instintivos que se originam da organização somática

- **Id para Freud** é o componente da personalidade composto de energia psíquica inconsciente que trabalha para satisfazer impulsos básicos, necessidades e desejos;
- O id opera com base no princípio do prazer, o que exige a satisfação imediata das necessidades. Isso segundo a sua teoria psicanalítica da personalidade.

- O id é a única parte da personalidade que está presente ao nascimento. Freud também sugeriu que este componente primitivo da personalidade existia completamente inconsciente;
- O id atua como a força motriz por trás da personalidade. Ele não só se esforça para cumprir nossos impulsos mais básicos, muitos dos quais estão ligados diretamente à sobrevivência, como também fornece *toda* a energia necessária para dirigir personalidade;

É a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade; o pouco que sabemos a seu respeito, aprendemo-lo de nosso estudo da elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos, e a maior parte disso é de caráter negativo e pode ser descrita somente como um contraste com o ego. Abordamos o id com analogias; denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades instintuais que nele encontram expressão psíquica; não sabemos dizer, contudo, em que substrato. Está repleto de energias que a ele chegam dos instintos, porém não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades instintuais, sujeita à observância do princípio do prazer”.

“(Sigmund Freud, 1933, *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*)



“O ego deve, no geral, executar as intenções do id, e cumpre sua atribuição descobrindo as circunstâncias em que essas intenções possam ser mais bem realizadas. A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito freqüentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir. Há uma parte do id da qual o ego separou-se por meio de resistências devidas à repressão. A repressão, contudo, não se estende para dentro do id: o reprimido funde-se no restante do id”

“(Sigmund Freud, 1933, *Novas conferências introdutórias à psicanálise*)